

“O Horror em Martin’s Beach” – H.P. Lovecraft e Sonia H. Greene**Tradução: Fábio Bettega****O HORROR EM MARTIN’S BEACH**

Eu nunca ouvi uma explicação mesmo aproximadamente adequada sobre o horror na Praia do Martin. Apesar do grande número de testemunhas, nenhum dos relatos coincide; e os depoimentos colhidos pelas autoridades locais contêm as mais impressionantes discrepâncias.

Talvez esta falta de clareza seja natural em vista da característica até então jamais vista do próprio horror, o quase paralítico terror de todos que o vimos, e os esforços feitos pelo elegante Wavecrest Inn para abafá-lo após a publicidade criada pelo artigo do Prof. Ahon “São os Poderes Hipnóticos Restritos à Humanidade Conhecida?”

Contra todos esses obstáculos estou lutando para apresentar uma versão coerente; pois eu testemunhei a repulsiva ocorrência e acredito que ela deva ser conhecida tendo em vista as revoltantes possibilidades que sugere. A Praia do Martin é novamente popular como local de banho, mas tremo ao pensar nisso. De fato, não posso de forma alguma olhar para o oceano sem tremer.

Destino nem sempre é desprovido do sentido de drama e clímax, por isso o terrível acontecimento de 8 de agosto de 1922 se seguiu rapidamente a um período de agradável excitação de menor proporção cheio de positiva surpresa na Praia do Martin. Em 17 de maio a tripulação do barco de pesca Alma de Gloucester, sob o Cap. James P. Orne, matou, após uma batalha de quase quarenta horas, um monstro marinho cujo tamanho e aspecto produziram a maior agitação possível nos círculos científicos e fez certos naturalistas de Boston tomar todas as precauções para sua preservação taxidérmica.

O alvo tinha cerca de 15 metros de comprimento, de formato aproximadamente cilíndrico, e cerca de 3 metros de diâmetro. Era sem sombra de dúvida um peixe branquiado de uma das grandes subdivisões; mas com certas modificações curiosas tais como pernas dianteiras rudimentares e pés com seis dedos no lugar das nadadeiras peitorais, os quais provocaram as mais amplas especulações. Sua boca extraordinária, sua pele grossa e escamosa, e seu olho único e profundo eram assombros apenas pouco menos singulares do que suas dimensões colossais; e quando os naturalistas o definiram como um organismo infante, que não poderia ter sido chocado há mais do que uns poucos dias, o interesse público se elevou a níveis extraordinários.

Cap. Orne, com típica astúcia Ianque, obteve um barco grande o suficiente para conter o objeto em seu casco, e organizou uma exibição de seu prêmio. Com cuidadosa carpintaria ele preparou o equivalente de um excelente museu marinho, e, navegando para o sul para a rica região de recreação da Praia do Martin, ancorou no píer do hotel e colheu uma safra de entradas.

A intrínseca fantasmagoria do objeto, e a importância que ele claramente possuía na opinião de muitos visitantes científicos de perto e de longe, se combinaram para torná-lo a sensação da temporada. Que era absolutamente único – único a um grau cientificamente revolucionário – era bem compreendido. Os naturalistas haviam mostrado claramente que era radicalmente diferente dos similarmente imensos peixes capturados na costa da Flórida; que, mesmo obviamente sendo um habitante das mais incríveis profundezas, talvez centenas de metros, seu cérebro e principais órgãos

indicavam um desenvolvimento surpreendentemente vasto, e fora de proporção com qualquer coisa até então associada com o grupo dos peixes.

Na manhã de 20 de julho a sensação foi ampliada pela perda do navio e seu estranho tesouro. Na tempestade da noite anterior ele partiu suas amarras e sumiu para sempre da vista do homem, carregando consigo o vigia que havia dormido a bordo apesar do tempo ameaçador. Cap. Orne, apoiado por amplos interesses científicos e auxiliado por um grande número de barcos de pesca de Gloucester, fez uma extensa e exaustiva busca, mas sem resultados além de incitar interesse e discussão. Em 7 de agosto a esperança foi abandonada e o Cap. Orne retornou para Wavecrest Inn para finalizar seus negócios na Praia de Martin e deliberar com certos cientistas que ali permaneceram. O horror chegou em 8 de agosto.

Era crepúsculo, quando gaivotas cinzentas dardejavam baixo sobre a praia e uma lua nascente começou a fazer um caminho brilhante nas águas. É importante lembrar a cena, pois cada impressão conta. Na praia estavam várias pessoas caminhando e alguns banhistas tardios; grupos da distante colônia de chalés que se erguia modestamente em uma colina verdejante ao norte, ou do adjacente Inn situado no topo do penhasco cujas imponentes torres proclamavam sua dedicação à riqueza e à suntuosidade.

Confortavelmente dentro do limite visual estava outro grupo de espectadores, os freqüentadores da varanda com teto alto e iluminada por lanterna do Inn, que pareciam estar aproveitando a música dançante do suntuoso salão interno de danças. Estes espectadores, que incluíam o Cap. Orne e seu grupo de conferencistas científicos, se uniram ao grupo da praia antes do horror ter progredido muito; assim como muitos outros do Inn. Certamente não havia falta de testemunhas, apesar de suas histórias serem confusas devido ao medo e à dúvida quanto ao que viram.

Não há registro exato do momento onde a coisa começou, embora a maioria diga que a lua completamente redonda estava “cerca de um pé” acima dos vapores baixios do horizonte. Eles mencionam a lua porque o que eles viram pareceu sutilmente conectado com ela – uma espécie de dissimulada, deliberada e ameaçadora ondulação que partiu do horizonte distante junto com a luminosa trilha de raios da lua refletidos, mas que pareceu arreferecer antes de alcançar a praia.

Muito não notaram esta ondulação até serem lembrados por eventos posteriores; mas ela parece ter sido bastante destacada, diferindo em altura e movimento das ondas normais ao redor dela. Algumas a chamaram de enganadora e calculada. E quando ela se desfez habilmente nos recifes negros ao longe, repentinamente veio jorrando das brilhantes linhas da água do mar um grito de morte; um rugido de angústia e desespero que provocaram comiseração mesmo quando apenas imitado.

Os primeiros a responder ao grito foram os dois salva-vidas que estavam em serviço; uns tipos vigorosos em trajes de banho brancos, com suas ocupações escritas em grandes letras vermelhas cruzando o peito. Mesmo acostumados como eram ao trabalho de resgate e aos gritos dos que se afogavam, eles não identificaram nada de familiar no sobrenatural lamento; mesmo assim devido ao senso de dever treinado eles ignoraram a estranheza e continuaram a seguir seu procedimento usual.

Rapidamente pegando uma bóia inflável, a qual com seu rolo de corda estava sempre à mão, um deles correu rapidamente pela praia até a cena onde a multidão se acumulava; então, após girá-la para ganhar momento, ele lançou o disco oco longe na direção da qual o som havia vindo. Enquanto a bóia desaparecia nas ondas, a multidão aguardava com curiosidade um sinal do desafortunado ser cujo sofrimento havia sido tão grande; ávidos por ver o resgate feito pela massiva corda.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

